



Crise sem fim

# Sem dinheiro, Haiti é abandonado até por trabalhadores humanitários

— ONU pediu US\$ 674 milhões em ajuda para não deixar o país naufragar, mas doadores internacionais contribuíram com apenas US\$ 94 milhões, menos de 14%

PORTO PRÍNCIPE

Quase todas as camas do Hospital Universitário La Paix, na capital do Haiti, Porto Príncipe, estão ocupadas. Suprimentos médicos, incluindo tubos para coleta de sangue, estão acabando. Médicos estão operando sem sangue e temem que em breve acabe também a anestesia.

Enquanto isso, o fluxo de pacientes é incessante. Há aqueles que foram atacados pelas gangues que controlam 80% da capital. Pacientes com derrame. Mulheres em trabalho de parto. Pessoas com insuficiência renal que precisam de diálise – e são recusadas porque não está disponível.

“Uma vez, a equipe de La Paix foi reforçada por médicos internacionais”, disse o diretor Jean Philippe Lerbourg. “Eles ajudaram os colegas haitianos, após o terremoto de 2010, que matou 220 mil pessoas.”

Agora, enquanto o Haiti enfrenta a pior crise humanitária desde então, há muito menos ajuda internacional. Os médicos e enfermeiros haitianos – muitos dos quais foram forçados a deixar suas casas pelos paramilitares criminosos que sequestram, esturpam e matam impunemente – estão por conta própria.

“A equipe entende que a ajuda não virá de fora, então eles vêm trabalhar”, disse Lerbourg. “A situação atual recai sobre nós. É um fardo bastante pesado que não podemos simplesmente largar e ir embora.”

**FUGA E UNIÃO.** Sob céus pulsantes com helicópteros levando diplomatas e trabalhadores humanitários embora, enquanto o mundo responde a crises em Gaza e na Ucrânia, os haitianos estão se unindo através do caos, da violência desenfreada e da pobreza endêmica para manterem a si mesmos e uns aos outros vivos.

Jacky Lumarque, o reitor da Universidade Quisqueya, em Porto Príncipe, lembra-se de um “espírito de solidariedade internacional” após o terremoto, que está ausente hoje. “O Haiti não tem amigos,” disse Lumarque. “Estamos só



RAMON ESPINOSA/AP-2/5/2024

Moradoras de Porto Príncipe deixam suas casas para fugir da violência de gangues na capital haitiana

**“Há muita competição no momento por ajuda. Mas é realmente inaceitável que o Haiti esteja no estado em que está. Os haitianos merecem que o mundo preste atenção e aumente o apoio”**

**Carl Skau**

Diretor do Programa Mundial de Alimentos da ONU

no mundo.”

A ONU pediu aos doadores este ano US\$ 674 milhões em ajuda, mas recebeu apenas US\$ 97 milhões – 14% do solicitado. No ano passado, o pedido foi de US\$ 720 milhões e apenas 35% foi atendido.

“Há muita competição no momento por ajuda”, disse Carl Skau, diretor do Programa Mundial de Alimentos. A crise no Haiti, enquanto isso, é “complexa” e “requer uma resposta igualmente complexa”. “Mas é realmente inaceitável que o Haiti esteja no estado em que está,” disse Skau. “Os haitianos merecem que o mundo preste atenção e aumente o apoio.”

Mais de 2,5 mil pessoas foram feridas ou mortas no primeiro trimestre de 2024, a maioria delas por gangues, informou o escritório da ONU

local, o período mais violento desde que começou a rastrear tais ataques, em 2022. Mais de 90 mil pessoas na capital foram forçadas a sair de casa.

**CRIME.** As gangues em crescimento têm preenchido o vácuo de poder aberto pelo ainda não resolvido assassinato do presidente Jovenel Moïse, em 2021. Nos últimos meses, elas invadiram prisões, cercaram delegacias e fecharam o aeroporto internacional.

As gangues controlam as principais estradas de entrada e saída da capital, atacaram o principal porto e assaltaram um terminal de combustível, provocando temores de escassez e isolando suprimentos. A violência se espalhou para o campo – o celeiro do Haiti –, à medida que metade da população enfrenta fome aguda.

“Membros armados de gangues controlam muitos campos de deslocamento e forçam jovens a ter relações sexuais com eles em troca de ajuda”, disse Guerda Previlon, que auxilia crianças e jovens mães que foram expulsas de suas casas. “Não há vida nesses espaços”, afirmou Previlon, fundadora da Iniciativa para o Desenvolvimento da Juventude no Haiti. “Não é um ambiente de vida para as crianças.”

Ariel Henry, o primeiro-mi-

nistro do Haiti, renunciou na semana passada, e um governo de transição foi empossado. A formação desse conselho de líderes haitianos era uma condição para o envio de uma força policial internacional liderada pelo Quênia e aprovada pela ONU, mas não está claro quando ela chegará.

A missão da ONU no Haiti, entretanto, reduziu sua presença para pessoal essencial – e poderia diminuir ainda mais devido a preocupações com o acesso contínuo a água potável limpa e combustível.

**Sozinho**

**Haiti sofre concorrência de conflitos em Gaza, Ucrânia, e Sudão, não recebendo a mesma atenção dos outros**

O Comando Sul dos EUA coordenou na semana passada quatro voos militares para Porto Príncipe para reforçar a segurança da embaixada e entregar ajuda privada doada, incluindo fluidos de hidratação oral e medicamentos.

**REAÇÃO.** Há muito sobre a resposta ao terremoto de 2010 que os haitianos estão ansiosos para não repetir. Bilhões de dólares em ajuda foram destinados a organizações interna-

cionais, mas muito foi mal administrado. Os soldados da ONU foram culpados por um surto de cólera que causou quase 10 mil mortes.

Ainda assim, trabalhadores da ajuda humanitária e haitianos dizem que a resposta hoje é insuficiente. “Eu não vejo a mobilização dos doadores em proporção à gravidade da crise”, disse Jean-Martin Bauer, diretor do Programa Mundial de Alimentos no Haiti. “Trabalho no PMA há 23 anos. Quando comecei, não havia Iêmen, Sudão, Ucrânia e Gaza querendo ao mesmo tempo.”

O Centro para Animação Camponesa e Ação Comunitária, uma ONG de Porto Príncipe que colabora com o PMA e outros grupos de ajuda, forneceu mais de 300 mil refeições para pessoas deslocadas desde fevereiro.

**AJUDA.** Em visita recente, cozinheiros preparavam arroz, pimentões e sardinhas. Benita Isidore Tranquile era uma delas. Ela foi expulsa de sua casa por gangues em 2015. A violência impediu seu marido de dirigir seu táxi, então ela agora é a principal provedora da família.

“Esse trabalho me traz alegria”, disse Tranquile. A crise forçou o grupo a contratar mais trabalhadores, de acordo com Herns Francemy, assistente do gerente do programa. Ele luta para adquirir suprimentos, incluindo combustível e água. “Algumas pessoas dependem da comida que fornecemos todos os dias. Enfrentamos problemas de recursos para cobrir as pessoas necessitadas”, disse Francemy. “No entanto, sinto-me orgulhoso de poder atender às necessidades das pessoas. Algumas teriam morrido de fome se não fosse por nós.”

Lerbourg, o diretor do hospital, cresceu sonhando em ser professor ou advogado, mas sua mãe o desencorajou. Seus pais deixaram o Haiti, mas Lerbourg ficou com mulher e filho, porque sentia que poderia ser útil. Ele não queria ser “apenas mais um número de seguridade social.” “Amo a medicina e não me vejo fazendo outra coisa”, disse. “Assim que passo pelo portão do hospital, meu humor muda. Esqueço meus problemas pessoais e queixas em relação à situação.” **WP**